

# AS ASSOCIAÇÕES RECREATIVAS NAS REGIÕES DE COLONIZAÇÃO ALEMÃ NO SUL DO BRASIL: *KULTUR* E ETNICIDADE

Giralda Seyferth\*

**N**a segunda metade do século XIX surgiram nas regiões de colonização do sul, e nas cidades brasileiras que receberam imigrantes alemães, numerosas associações criadas para diversos fins - predominando, numericamente, aquelas identificadas com atividades culturais e esportivas.

A imigração germânica para o sul do país começou em 1824, com a fundação da colônia de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, e teve continuidade em 1829, com a instalação de mais três colônias (duas em Santa Catarina e uma no Paraná). O governo imperial interrompeu a colonização em 1830, e a Revolução Farroupilha, iniciada em 1835, impediu a retomada do processo até meados da década de 1840. A partir de 1850, com a promulgação da Lei de Terras, as províncias assumiram o encargo de colonizar seus territórios, e a imigração alemã para os três estados meridionais se intensificou, surgindo mais de uma centena e meia de "colônias alemãs" só no Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Imigrantes alemães e seus descendentes também participaram da colonização do planalto meridional, do Rio Grande do Sul até o Paraná. E, desde o início do processo migratório, um número significativo de imigrantes se estabeleceu em cidades brasileiras (especialmente em Porto Alegre, Curitiba e São Paulo) ou nas cidades localizadas nas regiões de maior concentração de alemães e descendentes, como São Leopoldo, Blumenau, Brusque, Joinville, Santa Cruz, Ijuí etc<sup>1</sup>. Em toda parte proli-

ferou uma intensa "vida associativa" (Fouquet, 1974 p. 155) assumida como característica própria da etnia pelos descendentes: de ajuda mútua, beneficentes, culturais, esportivas, musicais, etc., as associações foram definidas como "germânicas", portanto, demarcadoras, em algum grau, da etnicidade.

Num trabalho sobre a nacionalização do Vale do Itajaí (SC), Rui Alencar Nogueira, oficial do 32º Batalhão de Caçadores sediado em Blumenau, fez duas observações que dimensionam o significado das associações recreativas na vida cotidiana das "colônias alemãs". A primeira se refere à Sociedade de Atiradores:

"Também aos domingos, as 'Sociedades de Atiradores' ficam cheias de sócios, os quais durante todo o dia se entregam à prática do tiro ao alvo a uma distância de 150 metros, entremeando o esporte com o uso de bebidas alcoólicas.

Mas, não somente os homens se exercitavam. As mulheres recebiam lições de educação física, quer em dias determinados da semana, quer à noite, quando durante o dia não era possível.

Fácil é verificar o perigo que representavam as referidas agremiações, que reuniam homens e mulheres sob um comando único, obedecendo a um mesmo ideal para atingir o objetivo final." (Nogueira, 1947, pp. 40-41).

A segunda deixa entrever a forma brutal de intervenção neste tipo de associação, em nome da segurança nacional:

"As populações do vale do Itajaí

incrementam e desenvolvem as sociedades recreativas, muitas delas apresentando objetivos escusos e perigosos, como as de atiradores e as de ginástica.

Inúmeros clubes de remo, canto, futebol, músico-teatral e 'jogo de bola' (boliche) espalham-se por todos os recantos.

As sociedades ginásticas congregam crianças, homens e mulheres. Mantêm sobre todos uma subordinação, fazem-nos praticar educação física e os submetem a uma disciplina germânica.

...  
As vistas dos dirigentes da campanha nacionalizadora voltaram logo, para tais centros. Ambas as sociedades acima enumeradas serviram de acantonamento para a tropa, logo que chegamos à cidade e não dispúnhamos de Quartel." (Nogueira, 1947, p. 101).

Os "objetivos escusos" insinuados por Nogueira situam os dois tipos de *Verein* (associação ou sociedade) no debate mais amplo sobre o "insulamento" das regiões colonizadas por imigrantes alemães no sul do país. Segundo a lógica nacionalista, expressa por militares como Nogueira, as associações recreativas conhecidas pelas denominações de *Schützenverein*, *Turnverein* e *Gesangverein* (ou *Sängerverein*) - respectivamente, Sociedade de Atiradores, de Ginástica e de Canto (ou de Cantores) - constituíam, por suas atividades, mais uma evidência do "perigo alemão". Eram, pois, imaginadas como "fatores de desagregação do espírito naci-

onal” que a campanha de nacionalização implementada durante o Estado Novo (1937 - 1945), devia erradicar.

Ao classificá-las como “associações cívico-culturais”, outro autor participante da referida campanha (Jamundá, 1968), procurou dimensionar sua vinculação com o nacionalismo alemão. Nogueira não especifica o “objetivo final” das associações de atiradores e de ginástica; simplesmente, insinua que ali havia algum tipo de treinamento que ameaçava o Estado. Essa forma de especular sobre o “perigo alemão” tem a ver com a presença nazista, amplamente denunciada pelos órgãos de segurança no final da década de 1930. Afinal, divulgou-se, então, a infraestrutura partidária que foi montada no Brasil pelo NSDAP (Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães), as ramificações locais de agremiações nazistas em atividade na Alemanha, a influência da versão nazista do nacionalismo alemão na imprensa teuto-brasileira, etc. Para os militares encarregados de impor a brasilidade em espaços do território nacional considerados sob influência alienígena, as atividades daquelas associações sugeriam intenções separatistas - um tema várias vezes retomado no discurso nacionalista brasileiro desde as últimas décadas do século XIX.

Os imigrantes alemães e seus descendentes eram considerados avessos à assimilação, “enquistados”, alvos fáceis da propaganda pangermanista (até a 1ª Guerra Mundial) e nazista, impregnados pelos ideais do *jus sanguinis*, portanto, distantes de quaisquer sentimentos de brasilidade. Concentrada em algumas regiões circunscritas no sul, essa população poderia desencadear um processo de secessão, patrocinado pela Alemanha - este é o significado mais comum da expressão “perigo alemão”. Assim, ao definir as associações como “cívicas”, Jamundá invocou suas congêneres do passado germânico e seu papel como “agências eficientes” do nacionalismo alemão na luta contra a dominação napoleônica.<sup>2</sup> O caráter miliciano da *Schützenverein* naquele contexto histórico, os quatro efes da *Turnverein* e sua natureza simbólica na formulação do nacionalismo romântico, efetivamente, pareciam recriados nas regiões de colonização tornando-se, portanto, um “problema de segurança”.

Esta breve digressão tem como objetivo apontar para a dimensão étnica das as-

sociações recreativas teuto-brasileiras, principal motivo da intervenção ocorrida durante o Estado Novo. A parte do influxo pangermanista e nazista, tais associações se constituíram como expressão da *Kultur* alemã, daí advindo seu papel como lugares de afirmação da etnicidade. Elas movimentaram a vida social dos imigrantes e seus descendentes nas regiões de colonização e nas cidades brasileiras, em alguns casos desde o início do fluxo migratório.

A literatura especializada assinalou sua significância numérica, sobretudo a partir da segunda metade do século XIX, vinculando-a, algumas vezes, ao “espírito associativo dos alemães”, conforme expressão de Müller (1984, p. 80). De fato, a quantidade de associações não espantou somente os prepostos da ação nacionalizadora do Estado Novo. Viajantes, brasileiros ou não, que percorreram as regiões coloniais até a década de 1930, observaram a “feição germânica” das atividades recreativas desenvolvidas no âmbito das associações. A influência da “cultura originária” é mencionada por Willems (1946 p. 558) a partir de citação de Tonnelat: “as *Vereine* (associações) pululam na mata virgem” e “inúmeras sociedades têm por único objetivo o divertimento”. Willems não explica a razão dessa observação de Tonnelat, referida, na verdade, ao “perigo alemão” no contexto da propaganda da *Alldeutscher Verband* (Liga Pangermânica). O francês Tonnelat esteve no Brasil no início do século XX e seu texto se inscreve no debate sobre o expansionismo alemão. No entanto, procura mostrar que a retórica expansionista do pangermanismo não atingia a grande maioria da população teuto-brasileira. Para ele não existia “perigo” de secessão porque os colonos eram apenas pacatos cidadãos brasileiros - daí a ênfase no divertimento: a influência da cultura alemã era evidente, mas desprovida de quaisquer injunções políticas (cf. Tonnelat, 1908). O objetivo primeiro era o lazer, mas um lazer de contornos étnicos, com afirmação de uma identidade coletiva definida pela *Kultur*.

As primeiras associações surgiram nos meios urbanos brasileiros com a denominação genérica de *Germania*. A mais antiga é a *Gesellschaft Germania* do Rio de Janeiro, fundada em 1821 por comerciantes alemães atraídos para o Brasil após a abertura dos portos em 1808. Entre os trinta sócios fundadores figuravam dois ho-

landeses, dois belgas, dois suíços, um dinamarquês e um escocês. Configurava-se como espaço de lazer para outros europeus, embora o perfil da maioria dos sócios tivesse como elemento comum de identificação a **origem** germânica. Assim, os naturais da Austria, Renânia, Hannover, Prússia, Holstein e das cidades hanseáticas são englobados pela ascendência germânica, enquanto os oito sócios acima citados aparecem como *nicht Deutsche* (Hinden, 1921: 44). Identificada como sociedade cultural e recreativa era, especificamente, o lugar da sociabilidade e do lazer para um grupo restrito de famílias de comerciantes e industriais radicados no Brasil, eventualmente incluindo cientistas, artistas, viajantes ou mesmo militares de origem germânica, conforme podemos constatar no volume comemorativo do centenário (Hinden, 1921).<sup>3</sup>

Outros clubes **Germania** surgiram, em circunstâncias semelhantes, nas cidades de Porto Alegre (1855), Santos (1865), São Paulo (1868), Curitiba (1869), e até na Bahia (1873) - lugares onde existiam “colônias alemãs”<sup>4</sup> que congregavam, principalmente, *Kaufleute*, isto é, imigrantes dedicados ao comércio e/ou indústria. Segundo Willems (1946), ofereciam a seus associados opções de lazer que não podiam ser encontradas nos meios brasileiros, daí seu “caráter acentuadamente germânico”. Nada diz sobre as atividades, mas estas associações celebravam datas históricas alemãs, possuíam bibliotecas com predominância de textos em língua alemã, organizavam apresentações teatrais e de música instrumental e coral privilegiando a tradição alemã. Sob este aspecto, portanto, não se diferenciavam muito das sociedades de Tiro e de Ginástica, apesar destas exibirem mais ostensivamente as práticas esportivas nas suas denominações. As sociedades **Germania**, porém, eram mais do que simples espaços de recreação, sendo consideradas por Fouquet (1974, p. 160) precursoras das câmaras de comércio teuto-brasileiras.

Interesses econômicos, principalmente beneficentes, motivaram a fundação de muitas associações - fenômeno comum no contexto mais geral da imigração. As *Hilfsvereine* (sociedades de assistência ou socorro mútuo) surgiram nas cidades a partir de meados do século XIX, funcionando como mantenedoras de hospitais, asilos, instituições de aposentadoria e pensão para determinadas categorias profissi-

onais (professores, por exemplo), e concedendo auxílio aos imigrantes mais pobres. Atuavam como instituições de caridade, exclusivamente voltadas para a comunidade étnica. Por outro lado, foram comuns as organizações formalmente denominadas *Kulturverein* (sociedade de agricultores, pois, nesse contexto, *Kultur* significa cultivo) criadas para defender interesses comuns objetivando melhores condições de produção e comercialização. Uma das mais conhecidas foi a *Kulturverein* de Blumenau, cujas lideranças lutaram por melhores preços junto aos comerciantes teuto-brasileiros (que também possuíam sua associação), mas ganharam notoriedade porque usaram a associação para fazer propaganda política, visando o cadastramento eleitoral no meio rural, nas primeiras décadas do regime republicano.

Os exemplos dados servem para mostrar a relevância dessas formas de organização - institucionalizadas ou não - bastante comuns até as primeiras décadas do século XX, mas que, progressivamente, desapareceram ou se transformaram, perdendo sua dimensão étnica. Elas surgiram, em parte, para suprir demandas assistenciais não atendidas pelo Estado, da mesma forma que outras instituições comunitárias - como as escolas com ensino em alemão, integradas através de associações conforme as instituições mantenedoras (congregações religiosas católicas, igrejas protestantes ou a própria comunidade).

A inflexão laudatória da fraseologia sobre o "espírito associativo" dos alemães, que explícita a profusão de associações como algo próprio da etnia, porém, é mais acentuada quando referida à tríade *Schützenverein*, *Turnverein*, *Gesangverein*. Apesar de instituídas por critérios de pertencimento étnico, as *Hilfsvereine*, *Kulturvereine* e assemelhadas tinham objetivos utilitaristas mais precisos, enquanto que as associações recreativas podiam assumir o papel de divulgadoras ou perpetuadoras da cultura germânica imaginada como expressão do *Volksgeist* (espírito nacional).

As sociedades de tiro são as mais antigas, surgindo primeiramente em Blumenau e Joinville (SC) em fins da década de 1850. A partir de então, multiplicaram-se nas áreas urbanas e nas linhas coloniais, definidas por preceitos defensivos e, igualmente, de sociabilidade, visando a perpetua-

ção do patrimônio cultural trazido pelos imigrantes da *Urheimat* (pátria de origem). No primeiro caso, a referência é a origem histórica da agremiação, que recua até a Idade Média, conforme consta da **Memória** comemorativa dos 75 anos de fundação de uma das mais antigas sociedades de tiro de Santa Catarina - a *Schützenverein Brusque*, fundada em 1866, seis anos após a fundação da primeira, "colônia alemã" do vale do Itajaí-mirim. Ali, é considerada uma "antiga instituição alemã" surgida da necessidade de defesa das muralhas das cidades medievais: espécie de "guarda cívica" que, de alguma forma, podia ser recriada "no seio da floresta brasileira". Na Alemanha, as organizações de atiradores, como corporação, tiveram um breve ressurgimento na guerra contra Napoleão Bonaparte e, depois, "transformaram-se em simples sociedades de atiradores". A **Memória** está basicamente correta quanto à origem corporativa da associação e sua participação na "guerra de liberação" em 1813.

Apesar das alusões à defesa da comunidade e ao passado guerreiro dos atiradores (em parte associado ao nacionalismo alemão), não existem registros de que os associados das *Schützenvereine* tenham atuado como milícias. Seu papel defensivo foi ocasional. (Flores, 1983) Por outro lado, deve-se assinalar que a comunidade *Volk* imaginada pelo nacionalismo alemão do período romântico estava, pretensamente, localizada na Idade Média. Assim, o pressuposto de defesa e a eventual colaboração com a polícia e o exército assinalada por Fouquet (1974 p. 158)<sup>5</sup> ficam em segundo plano, e as representações contidas em folhetos comemorativos, depoimentos de associados e nas historiografias locais dão destaque às atividades culturais e à sociabilidade assegurada em termos comunitários durante a grande festa anual. Nesse caso, as competições de tiro (ao alvo e aos pássaros) ensinavam um congraçamento geral que incluía espetáculos teatrais, dança, canto, etc. - movimentando a comunidade como um todo. A festa medieval era realizada no início da primavera; no Brasil, por essa razão, podia coincidir com a Páscoa. As festas eram abertas à comunidade, nunca restritas aos associados. Por sua natureza, constituíam uma celebração da germanidade pela comunidade - a associação em si, representando uma ligação com o passado germânico.

A Memória citada aponta, ainda, para um outro fato importante: a festa anual recebia associados de outras *Schützenvereine*. O intercâmbio entre as associações levou à formação de Federações regionais que serviram como elo de ligação entre diferentes "colônias" - um dado a mais para justificar a intervenção durante a campanha de nacionalização.

Não é possível dar uma dimensão estatística das sociedades de tiro ou de quaisquer outras. As estimativas que existem são datadas. O Álbum comemorativo do centenário da imigração alemã, publicado em 1924, por exemplo, informa que existiam, então, 327 sociedade de diversos tipos (predominando as canto, tiro e ginástica) em 14 municípios do Rio Grande do Sul. Flores (1983, p. 173-174) faz uma listagem de 48 sociedades existentes em Venâncio Aires na década de 1930, das quais 16 eram *Schützenvereine*. Numa referência genérica, Roche (1969, p. 646) diz que as sociedades "pululam" nas colônias e em Porto Alegre: só no município de São Leopoldo existiam, em 1924, 66 delas, 47 situadas em distritos rurais; e na região de Ijuí eram 130. Em Santa Catarina os textos comemorativos também são pródigos em listagens de associações, com destaque para o município de Blumenau, onde cada bairro urbano e as principais linhas coloniais ostentavam suas *Schützen* - e *Gesangvereine* (Kormann, 1994).

Estes números, mesmo pouco confiáveis para permitir uma estimativa mais geral, mostram a multiplicação das sociedades recreativas teuto-brasileiras, com seus pressupostos de germanidade, num período histórico onde cada vez mais se exige o **abrasileiramento** dos **alienígenas** (isto é, imigrantes e descendentes não assimilados). O sentido de unidade da colônia alemã singularizada (enquanto "totalidade" etnicamente definível), sugerido pela federalização das associações de tiro, deu aos brasileiros mais um argumento em favor da intervenção nacionalizadora.

O depoimento de um colono sobre a intervenção na *Schützenverein Brusque* em 1939 é significativo do sentimento de pertinência étnica vinculado às associações:

"Antigamente todos os alemães compareciam à grande festa. Algumas famílias de sócios ainda guardam as fardas dos seus avós, feitas na Alemanha. A festa era de todos. Tinha a marcha dos atiradores, as

competições, o *Königsball* (baile do rei), as apresentações do coro masculino e tudo aquilo ... Quase só alemão comparecia. Aí veio a nacionalização, os colonos não podiam mais participar, fecharam a sede que virou lugar de quartel, depois escola, só para humilhar os alemães. Quando reabriu, com outro nome, não era mais a *Schützenverein*, era só para sócios, os colonos não vêm mais.”

Duas referências são importantes na construção da idéia de germanidade (*Deutschtum*) no espaço das sociedades de tiro. Em primeiro lugar, a festa anual, onde as competições ensinavam, além do baile, atividades assumidas como representativas da cultura alemã (que compreendiam, além das apresentações de corais mencionadas no depoimento, o uso de trajes tradicionais e da língua alemã). Em segundo lugar, os atiradores (os sócios que participavam dos torneios de tiro) se apresentavam fardados, numa evocação à origem germânica desta tradição. De fato, a festa propriamente dita, realizada na sede social, era precedida pela marcha dos atiradores - todos uniformizados e ostentando suas condecorações (obtidas nas competições locais e regionais) - animada por banda de música e pela participação da comunidade; e no encerramento, após os três dias de festejos, outro desfile (a marcha de retorno) homenageava os novos “reis do tiro”.

A *Schützenverein* teuto-brasileira repete a conexão entre pertencimento étnico (nacional) e tradição, herança do nacionalismo romântico alemão com a glorificação da comunidade *Volk*, que está na raiz da sua recriação na “floresta brasileira” - para usar uma expressão comum nas representações sobre a colonização evocativas, também, dos pressupostos de defesa que justificam sua existência.

A natureza da atividade esportiva, o uso das fardas (que supunha uma hierarquia) dando aparência militar ao desfile dos atiradores, a forte caracterização como instituição nacionalista alemã, motivaram a ocupação militar de algumas sedes sociais durante a campanha de nacionalização.

A menção ao coral masculino no depoimento transcrito remete a outro tipo de associação, bastante popular até 1939 - a de cantores (ou de canto), mais diretamente ajustada à noção de cultura germânica. A existência das *Sängervereine* no sul do Brasil coincide com a vinda dos primeiros imigrantes. Como seu nome indica, reúnem cantores: coros masculinos ou mistos

se apresentavam em público com o objetivo de divulgar, na nova pátria, a canção germânica - o *Lied*. Mais uma vez estamos diante de manifestação representativa da tradição romântica. Melodia vocal simples, o *Lied* é poesia cantada, voltada para temas populares, também reinventada no contexto do romantismo alemão e rapidamente transformada em expressão da nacionalidade. Os almanaques teuto-brasileiros publicaram poemas (e textos em prosa) de autores importantes do período romântico como Schiller, Goethe, Arndt; mas também foram veículos para divulgação de uma poesia evocativa da *Urheimat* germânica e da pátria brasileira. Na verdade, “cultivar a tradição” era assumido como mais uma forma de assegurar a continuidade do uso cotidiano da língua materna alemã no Brasil. (Cf. Seyferth, 1982, cap. 3).

A maioria das associações dedicadas ao canto era de pequeno porte: um grupo de pessoas que, numa localidade dada, rural ou urbana, se reuniam para formar um coro, geralmente na casa de um colono. Kormann (1994, p. 164), por exemplo, menciona que a *Gesangverein Sängerbund*, fundada em 1865 na linha do ribeirão Garcia, na colônia Blumenau, fazia suas reuniões na casa de um dos sócios, desenvolvendo uma forma de lazer que incluía apresentações de música instrumental, coral e, às vezes, de peças teatrais (sempre privilegiando autores alemães). Só bem mais tarde a associação passou a ter sede própria, ampliando seus quadros.

O grande número de associações deve ter motivado as alusões de diferentes autores ao “espírito associativo” dos alemães, e ao hábito da *Hausmusik* (música doméstica) considerados próprios do caráter nacional germânico (cf. Fouquet, 1974; Flores, 1983; Müller, 1984). Sua dimensão física tem pouca importância: geralmente as *Gesangvereine* situadas nas cidades congregavam um grande número de pessoas e possuíam sede social, enquanto que as situadas no meio rural motivaram a criação de espaços de sociabilidade e convivência entre vizinhos da mesma linha colonial. Elas pretendiam expressar algo imaginado como parte da essência do povo alemão. *Kultur* é *Deutschtum* nessa contextualização - germanidade que supõe a consciência da especificidade da língua, da música e da literatura (especialmente, da poesia) alemãs enquanto distintivos da nacionalidade (no Brasil convertidos em

símbolos da etnicidade teuto-brasileira). Afinal, os membros das associações homenagearam a nova pátria (o Brasil) através do canto e da poesia, mas explicitando esse pertencimento patriótico na “língua materna” alemã.

A mesma motivação étnica aparece nas *Turnvereine* - cuja pertinência nacionalista é bem mais forte porque inspirada na *Turnerschaft* de Jahn (ver nota 2). Tal pertinência estava impressa na bandeira e no escudo, símbolos da associação, através dos quatro efes: *Frisch, Fromm, Frohlich* e *Frei* (lépido, devotado, alegre, livre) são termos significativos de uma situação histórica - a guerra contra a dominação napoleônica - mas supõem, igualmente, um princípio moral atingível pela disciplina envolvendo a prática da ginástica. A questão da disciplina faz lembrar um outro termo conceitual - *Tüchtigkeit* - acionado nos discursos étnicos teuto-brasileiros para expressar uma suposta “capacidade” ou “aptidão” para o trabalho intrinsecamente alemã, que tem uma definição moral e, da mesma forma, racial (pensada como geneticamente herdada).

Como a festa dos atiradores, as apresentações públicas de ginástica tinham sua etiqueta (desfiles, bailes, premiações, apresentações de corais, etc.). Alguns depoimentos falam dos pelotões de ginastas que marchavam para casa ao som de tambores, após os exercícios, como algo rotineiro (Müller, 1984, p. 90). Mas a saudação dos ginastas antes das provas deve ter chamado a atenção dos nacionalizadores brasileiros porque podia, facilmente, ser confundida com a saudação nazista: a expressão “*Gut Heil*” era dita em voz alta pelo grupo. A analogia com o nazismo não tem sentido porque *Gut* significa bom, *Heil* significa ileso, salvo e, no contexto das provas, representam “um desejo de que tudo decorra bem ... que todos tenham bom proveito dos exercícios” (Müller, 1984, p. 92).

As associações tem em comum a identificação com a cultura alemã dentro dos princípios definidos pelo nacionalismo romântico. A noção de cultura, nesse caso, estava acoplada à noção de germanidade - o pertencimento étnico definido, entre outras coisas, pelo conhecimento da música e da língua materna e tudo o que deriva dela - teatro, poesia, a grande literatura, etc. A *Gesangverein* é a única que possuía uma definição exclusivamente cultural, mas as outras também eram potenciais transmissoras de *Kultur* e assumidas como

lugares da prática esportiva com "disciplina germânica" (o que supõe um ideal de moralidade específica). Além disso, as bandeiras e escudos (as vezes com concepção heráldica) de cada associação e o uso de roupas "tradicionais" (incluindo os uniformes no caso dos atiradores), por sua qualidade de símbolos do nacionalismo alemão foram proibidos a partir de 1939.

Finalmente, existe uma expressão frequentemente usada para assinalar a sociabilidade no espaço das *Vereine*, e que explica as referências bibliográficas sobre o "espírito associativo" teuto-brasileiro: *Gemütlichkeit* - cordialidade ou jovialidade manifestada através das festas, bailes, da música cantada, na convivência com os amigos, com os familiares. Outras palavras da língua alemã, com significado semelhante, mas bem menos fortes em suas ilações acerca do caráter nacional, foram usadas para nomear associações: *Frohsinn* - alegria, jovialidade - tornou-se denominador comum para associações de canto; *Einigkeit* - concórdia - um termo indicativo de unidade e, principalmente, de harmonia entre iguais, batizou muitas associações de tiro como, por exemplo, a *Schützenverein Einigkeit* de Blumenau que, após a intervenção nacionalizadora, simplesmente trocou seu nome para Clube de Caça e Tiro Concórdia (cf. Kormann, 1994, p. 243), portanto, mantendo o princípio coletivo de pertinência étnica contido na palavra alemã.

Ao longo do tempo, as associações se transformaram em espaços de atualização da etnicidade, lugares onde a tradição cultural da *Urheimat*, em parte informada pelos preceitos nacionalistas do romantismo alemão, vinha sendo simbolicamente construída através das festas, do teatro, do canto, da celebração de datas históricas. A importância na definição de uma identidade étnica teuto-brasileira<sup>6</sup> e a organização em federações, que sugeria um sentido mais amplo de unidade cultural - mais do que a influência da ideologia nazista - foram elementos determinantes do cerceamento das atividades das associações durante o Estado Novo e mesmo após terminada a campanha de nacionalização. A intervenção ocorreu de forma diferenciada: as associações de maior visibilidade foram fechadas ou ocupadas e transformadas em lugares provisórios de acantonamento de tropas do exército (como ocorreu em Blumenau); outras tiveram que mudar suas denominações,

modificar seus estatutos, encerrar as atividades culturais denotativas da germanidade (inclusive o uso da língua alemã). Grande parte das associações de cantores desapareceram, já que a razão de sua existência era a divulgação da música e do canto germânico - e a proibição da língua inviabilizou suas reuniões festivas. A instituição que melhor sobreviveu à assimilação forçada foi a *Schützenverein*. Após mais de uma década de cerceamento, as associações de tiro retomaram as suas atividades esportivas, sem os símbolos vinculados à suas congêneres do início do século XIX na Alemanha (fardas, bandeiras, etc.). Ainda hoje existem federações regionais e, aos poucos algumas retomaram atividades culturais do passado, abrangendo grupos definidos como "folclóricos" (de dança e música). No sentido de uma tradição recriada, o passado associativo e sua *Gemütlichkeit* que antecedeu a campanha de nacionalização é trazido para o presente, no formato genérico do folclore, mas ainda como símbolo de uma condição étnica.

\* *Giralda Seyferth é Profª. do Departamento de Antropologia/Museu Nacional - UFRJ*

## NOTAS

1 Os registros de entradas de imigrantes indicam que pouco mais de duzentos e trinta mil alemães chegaram ao Brasil até a década de 1930 (cf. Cameiro, 1950). Bastante cético em relação a esses dados, Emilio Willems preferiu uma estimativa de base lingüística: incluiu na categoria "germânicos" os imigrantes falantes da língua alemã oriundos da Áustria e do leste europeu - o que permitiu chegar ao total de 280 mil indivíduos para o período de 1886 a 1936. Cf. Willems, 1946, p. 66. Tais números não levam em conta o "coeficiente de fixação" que, no Brasil, é considerado baixo (menos de 50%). Por outro lado, ao utilizar um critério lingüístico, Willems englobou todos a partir da noção de etnia comum (incluídos na denominação "teuto-brasileiros").

2 Na verdade, Jamundá estava comparando a *Turnverein* teuto-brasileira com a sociedade nacionalista de ginástica fundada por Friedrich Ludwig Jahn em 1810 - a *Turnerschaft*. O propósito primeiro de Jahn não era o estímulo ao esporte; pretendia reviver a moral dos alemães através do condicionamento físico - numa situação de guerra onde estava em jogo a "nação alemã". No contexto da Guerra de Libertação (e na concepção de um nacionalista radical como Jahn) as sociedades de ginástica foram, sobretudo, "uma preparação para uma finalidade nacionalista estimulando a disciplina e o preparo militante" (Kohn, 1968, p. 37).

3 Segundo dados apresentados por Hinden (1921), frequentaram o clube Germânia diversos alemães que participaram de missões científicas e culturais patrocinadas pelo Império brasileiro, além de militares de origem germânica que prestavam serviços ao exército brasileiro.

4 Nesse contexto, a expressão *colônia alemã* é sinônimo de comunidade étnica.

5 Algumas associações de tiro colaboraram com a polícia e o exército na busca de "marginais", conforme registra Fouquet (1974, p. 158). Houve cooperação tam-

bém na implantação dos Tiros de Guerra - criados para prestação do serviço militar (Roche, 1969, p. 645). As sociedades de tiro, assim como as chamadas "sociedades de lanceiros" (ou ulanos) - bem menos comuns - assumiram sua função original de defesa das comunidades em ocasiões de exceção - como ocorreu, por exemplo, durante a Revolução Federalista em 1893.

6 A categoria *alemão* tem sido mais usada como indicativo da identidade étnica teuto-brasileira. Trata-se da identificação coletiva de alemão no Brasil - portanto, refere-se a um brasileiro com origem germânica. No caso das associações, assim como na literatura em língua alemã produzida aqui, fazia-se a evocação da pátria brasileira em língua alemã (cf. Seyferth, 1982) - fato que, certamente, repercutiu como heresia anti-assimilacionista.

## BIBLIOGRAFIA

- CARNEIRO, J.F.  
(1950) *Imigração e Colonização no Brasil*. Rio de Janeiro, Faculdade Nacional de Filosofia, Cadeira de Geografia do Brasil. Publicação Avulsa nº 2.
- FLORES, Hilda A.H.  
(1983) *Canção dos Imigrantes*. Porto Alegre, Escola Superior de Teologia S. Lourenço de Brindes/Universidade de Caxias do Sul.
- FOUQUET, Carlos  
(1974) *O imigrante alemão e seus descendentes no Brasil. 1808-1824-1974*. São Paulo, Instituto Hans Staden; São Leopoldo, Federação dos Centros Culturais 25 de Julho.
- HINDEN, Heinrich  
(1921) *Deutsche und deutscher Handel in Rio de Janeiro. Herausgegeben von der Gesellschaft Germania Rio de Janeiro zur Erinnerung an ihr hundertjähriges Bestehen*. Rio de Janeiro, Paul Witte.
- HUNDERT JAHRE DEUTSCHTUM IN RIO GRANDE DO SUL.  
(1924) Porto Alegre, Tipografia do Centro.
- JAMUNDÁ, Theobaldo Costa  
(1968) *Nereu Ramos. O da hora de reconstrução nacional*. Florianópolis, Edição do Autor.
- KOHN, Hans  
(1968) *Nationalism: its meaning and history*. New York, Van Nostrand.
- KORMANN, Edith  
(1994) Blumenau. Arte, Cultura e as histórias de sua gente (1850-1985). Florianópolis, Paralelo 27.
- MÜLLER, Telmo Lauro  
(1984) Colônia alemã. 160 anos de história. Porto Alegre, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes/ Ed. Universidade de Caxias do Sul.
- NOGUEIRA, Rui A.  
(1947) Nacionalização do Vale do Itajaí. Rio de Janeiro, Ministério do Exército. Biblioteca Militar v. CX.
- ROCHE, Jean  
(1969) A colonização alemã e o Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Editora Globo.
- SEYFERTH, Giralda  
(1982) Nacionalismo e Identidade Étnica. A ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do Vale do Itajaí. Florianópolis, Fundação Catarinense de Cultura.
- TONNELAT, E.  
(1908) L'expansion allemande hors d'Europe. États-unis, Brésil, Chantoung, Afrique du Sud. Paris, A. Colin.
- WILLEMS, Emilio  
(1946) *Aculturação dos alemães no Brasil. Estudo antropológico dos imigrantes e seus descendentes no Brasil*. São Paulo, Companhia Editora Nacional.